

SER REZADEIRA: Saberes e práticas culturais de mulheres no Recôncavo. Gov.
Mangabeira – Recôncavo sul da Bahia (1950-1970).

Aláíze dos Santos Conceição;

Universidade Federal da Bahia – UFBA

E-mail: alaizesantos@yahoo.com.br;

Mestranda em História Social;

Orientadora: Prof^ª. Dr. Edilece Couto.

Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB;

BENZEÇÕES E HISTÓRIA CULTURAL

Estudar o universo cultural das Rezadeiras do Recôncavo sugere buscar o amparo teórico metodológico de pesquisadores que habilitaram a cultura como palco das problematizações historiográficas, a saber, de E.P Thompson e Roger Chartier. Para Thompson os estudos culturais têm dado amostras de grandes reflexões acerca do conceito de cultura, pois tais investigações, durante séculos, ficaram sob a responsabilidade dos folcloristas que concebiam essas manifestações culturais com olhares pejorativos. Thompson (1998) “definiu” cultura como sinônimo de costume, tratando costume de maneira diferenciada, não pensando somente nas permanências das tradições, mas encarando as práticas culturais como campo das mudanças, o lugar da diversidade, fruto das (re) significações e conflitos.

Nesse sentido, as (re) significações são perceptíveis nas benzeções uma vez que para que houvesse sua sobrevivência na atualidade, as mesmas tiveram que se adequar aos novos anseios sociais. No artigo que se segue é pretendido refletir acerca das práticas culturais dessas mulheres levando em consideração o lugar social ocupado pelas mesmas.

Nesse ínterim, Roger Chartier sugere que a representação do real, construída pelos diferentes grupos sociais tende a justificar e a legitimar o lugar social ocupado, ou seja, representar significa à tentativa de impor aos demais grupos sociais as apreensões particulares que objetiva-se transformar em homogêneas. (CHARTIER, 1988) No universo da benzeção, as práticas de cura não estão condicionadas a existir e serem eficazes somente dentro de uma “comunidade específica”, mas pessoas das diversas

camadas sociais que se utilizam dos serviços da benzeção tendem a ressaltar também sua eficácia.

Nota-se que a linguagem da benzeção evoca um discurso no qual transcende a reflexos estáticos de uma realidade social específica, a mesma tende a transparecer um poder constituído daquelas que executam as rezas e por conseqüência altera a realidade.

No que concernem as benzeções, as mesmas são entendidas enquanto artifícios e estratégias do saber popular, criados e (re) significados pela cultura, a saber, dos conhecimentos sobre ervas, banhos, receitas, chás, simpatias, massagens, escalda-pés, suadouros, garrafadas, medicamentos caseiros que se corporificaram nas concepções terapêuticas das Rezadeiras na busca pela extirpação das doenças do corpo dos enfermos. (OLIVEIRA, 1958) Nesse sentido, é possível perceber a representação do poder dessas mulheres, uma vez que a elas são atribuídas o conhecimento necessário para extirpar o mal dos indivíduos. Os conhecimentos curativos concedem as Rezadeiras à legitimidade representativa necessária para intervir no cotidiano dos indivíduos.

Houve relatos de Rezadeiras mencionando o freqüentar de segmentos sociais diferenciados em suas casas, ou seja, solicitações dos serviços da benzeção de pessoas tidas como “elite”; Indivíduos cujo poder aquisitivo em muito transcendia a posição econômica ocupada por elas. No tocante a variável mencionada a Rezadeira Celinha¹ deu importante depoimento:

Eu vi Antônio crescer (fazendo referência ao ex- prefeito da cidade de Gov.Mangabeira, cujo mandato perdurou entre 2000 a 2008), o pai dele na época em que foi prefeito sempre me procurava: Srº Agnaldo Viana estimo muito ele, onde eu tiver ele fala comigo até hoje minha filha!².

Do ponto de vista de reconhecimento e eficácia da benzeção são significativas as lembranças da Rezadeira Celinha, ao que parece reconhecer o espaço de poder ocupado nas benzeções, advém das recorrências populacionais dos seus serviços, bem como solicitações feitas pelas “camadas abastardas”.

Mais uma vez a sábia Celinha, recordou situação curiosa de suas vivências enquanto Rezadeira:

¹ Celina de Jesus Neris. Apelido D. Celinha. 86 anos de idade. Charuteira aposentada. Rezadeira, nascida na cidade de Bonfim de Feira, atual Santo Estevão.

² Depoimento da Srª Celina em 06/12/2006.

Olha! Eu... Não gosto de me gabar! Porque a pessoa que se gaba, não presta! Não se lava! A gente não se julga boa, eu sô bom! Tem uma sobrinha que ficou de mal comigo por isso. Eu escrachei com ela! A gente não se julga bom não, por exemplo, eu rezo uma pessoa. Porque aqui tem um menino que sempre que ele quer qualquer coisa vem pra eu rezar. Ai um dia ele tava aqui, eu rezei nem sei quem foi... Ai ele disse assim: Oh! D. Celina a senhora me rezou eu fiquei bom, reza fulana e ficou boa, porque a senhora não muda pra praça pra curar os outros? A senhora é curadeira!
Eu disse: meu filho se eu for pra praça e dizer que sou curadeira, os médicos manda me matar. Ora eu vou me julgar boa? Não minha filha! Quem se gaba, não se lava, sabe disso?
Os que ficam bom me agradece, agora dizer: Eu sou boa!³

Fica claro o reconhecimento da eficácia das benzeções da sr^a Celinha entre os indivíduos, prova disso é a insistência de um enfermo para que ela fizesse uma maior “propaganda” de seus “serviços”, mas apesar da tentativa de persuasão a sr^a Celina é enfática ao dizer que o valor atribuído em suas rezas quem concede são as pessoas, não cabendo a ela se vangloriar pelas bênçãos alcançadas. A representação do poder concentrado sob a égide do feminino é significativo, uma vez que a comunidade ao solicitar as benzeções tende a ratificar-lo e legitimá-lo.

A passagem da narrativa da depoente, ainda sugere um possível conflito entre a prática curativa desempenhada por ela e a prática curativa oficial, quando ressaltou a intolerância e a reticência médica nos procedimentos populares “se eu for pra praça e dizer que sou curadeira, os médicos manda me matar”. Ao que parece a disputa representativa é posta em evidência, o conflito no âmbito cultural é visibilizado, assim pensar as práticas culturais como sendo socialmente construídas através da escolha de determinados símbolos e representações que devem ser entendidos num espaço e num tempo específico implica numa teia de significados para além do normativo.

IDENTIDADES DAS REZADEIRAS

É sabido que as “Rezadeiras do Recôncavo” compartilham de situações econômicas parecidas, bem como pertencem a uma mesma categoria de gênero, contudo são perceptíveis diferenciações entre elas, a saber, de questões geracionais. Sendo assim não constituem um bloco homogêneo de mulheres. Tal característica ainda possibilita pensar a multiplicidade de experiências e relações estabelecidas por essas mulheres diante dos mais variados acontecimentos. Afinal, trata-se de mulheres plurais, cujas

³ Depoimento da sr^a Celina em 10/07/2007.

identidades perpassam por questões de gênero, raça e tantas outras categorias históricas. Como bem assinalou o pesquisador Stuart Hall a identidade não é permanente e unificada. (HALL, 2002) Pensar os indivíduos numa categoria homogênea tende a generalizá-los, não admitindo a preservação de sua alteridade. Pensar as Rezadeiras por um único viés levaria em conta somente às intersecções entre elas, desconsiderando o campo das diferenças e os possíveis conflitos. Logo, o artigo presente conta como protagonistas principais às senhoras Celina de Jesus⁴, Francisca Santos⁵, Maria Margarida⁶, Maria Custódia⁷, Aumerinda Conceição⁸ e Neci Leite⁹ que concederam importantes depoimentos para refletir um contexto histórico rico em singularidades. Devemos levar em consideração desde a condição material dessas mulheres, ou seja, o pertencimento a camadas populares, a possíveis conseqüências das vivências sociais desses grupos que possibilitou vínculos e propagação de práticas culturais específicas dessas comunidades.

Essas mulheres, além de possuírem trajetórias de vida parecidas, elas possuem em comum a familiaridade com o universo curativo, sobretudo as benzeções. Acredita-se que a familiaridade e a aproximação com os elementos naturais favoreceram a propagação e utilização de tais práticas de cura, assim sendo, tornando-se Rezadeiras. (THOMPSON, 1987)

A escolha em trabalhar com mulheres Rezadeiras integrantes das camadas populares, também traduz o contraponto da representação hegemônica do feminino no contexto histórico analisado, sobretudo porque os sujeitos sociais investigados divergem por completo dos papéis atribuídos ao sexo feminino na sociedade. A concepção de mulher: frágil, sensível, dócil, submissa encoberta numa teia maternal, vinculada a uma esfera domiciliar, privativa, não condiz com a realidade experimentada por essas “mulheres populares”.(SOIHET, 2000)

⁴ Op.cit. Nota 01.

⁵ Francisca Santos Oliveira. Apelido D. Neném. 75 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira, nascida em Laranjeiras, zona rural do Município de Governador Mangabeira.

⁶ Maria Margarida Marques. Apelido D. Maria. 98 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira, nascida em Lage, Recôncavo Sul da Bahia.

⁷ Maria Custódia Cerqueira da Silva. Apelido D. Teka. 75 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira, nascida em Queimadas, zona rural do Município de Governador Mangabeira.

⁸ Aumerinda Conceição Rodrigues. Apelido D. Merú. 63 anos de idade. Lavradora e charuteira em exercício da profissão. Rezadeira, nascida no Município de Governador Mangabeira, atualmente reside nesse mesmo município.

⁹ Neci Santos Leite. Apelido Profª Neneu. 50 anos de idade. Professora em exercício da profissão. Natural de Cachoeira – Bahia.

Em primeiro lugar por uma clivagem de classe. Não por acaso muitas para sobreviver tornaram-se lavradoras, charuteiras, lavadeiras de ganho, vendedoras ambulantes. Segundo por dizer respeito a um grupo de mulheres negras, que precisava garantir o sustento familiar. As mulheres integrantes das camadas populares sempre estiveram mais presentes nas ruas, mais abertas ao convívio com a vizinhança e com os grupos de trabalho e de lazer. Possuíam/em uma relação mais autônoma frente à sociedade, estabelecendo verdadeiras redes de socialização, cuja dinâmica contribuiu para a edificação de uma teia de significados.

É válido ressaltar que o conceito de classe aqui utilizado leva em consideração não somente questões relativas ao econômico, mas o mesmo é concebido enquanto construto cultural, no qual as experiências e as relações sociais estabelecidas denotam o pertencimento a determinado grupo. Entretanto, o fato dos indivíduos comungarem de experiências culturais próximas, não implica necessariamente na homogeneização de costumes e valores. A classe, assim como outras categorias analíticas, não é *estanque e harmônica*. (THOMPSON, 2001)

A senhora Maria Custódia, por exemplo, informou que por possuir filhos pequenos não pôde abandonar o ofício de trabalhadora rural precisando ajudar o companheiro no sustento familiar: “Trabalhei na enxada, na roça, na lavoura... Foi torrar farinha, plantar mandioca, (...)”¹⁰ No mais, as depoentes da pesquisa demonstraram grande consciência da necessidade em continuar trabalhando, ou seja, participando ativamente da renda familiar. A própria postura de algumas em optarem em não construir uma família nuclear formada por pai, mães e filhos demonstra a não uniformidade de postura dessas categorias de mulheres.

O APRENDIZADO DO OFÍCIO

Pensar o Recôncavo sul baiano pelo viés cultural nos conduz a identificar elementos múltiplos dos viveres da população. Um emaranhado de crenças, tradições e valores provenientes das concepções cosmogônica de negro/as, índios/as e europeus/ias. (SANTOS, 2005) Partindo de tal premissa surgiram inquietações referentes à como se deu o processo de iniciação das Rezadeiras no ofício da benzeção e/ou o processo de aprendizagem?

¹⁰ Depoimento da senhora Maria Custódia. Entrevista em 29/04/2007.

Nesse sentido, as fontes orais possibilitaram pensar em duas formas principais de inserção das mulheres no universo das benzeções. A primeira vinculada à inserção mediante observações feitas desde a infância e o conseqüente acúmulo de experiências ao conhecer ervas, raízes e as próprias palavras mágicas capazes de restabelecer o equilíbrio orgânico e espiritual dos indivíduos, e a segunda forma vinculada a uma espécie de revelação divina de um dom, geralmente associado ao desfalecimento orgânico da Rezadeira, ou seja, a mesma sendo acometida por uma doença. Nesse caso, o dom tende a ser revelado em virtude da doença que perturba a harmonia do indivíduo, causando-lhe a desordem. (MONTERO,1985)

Mediante os sujeitos históricos da pesquisa é possível pensar na importância que a oralidade desempenha nessas transmissões de saberes. Contudo, ao considerar a importância da oralidade entre Rezadeiras é possível estabelecer um paralelo com o legado de elementos das diversas práticas culturais existentes no processo e tão presente nesse perímetro regional.

A benzeção, assim como outras “tradições” pensadas pelo viés da cultura afro-brasileira e/ou africana está intimamente ligada a “palavra falada”. Na fala estaria a maior possibilidade de preservá-las. A tradição oral é entendida como grande responsável em immortalizar ensinamentos milenares, garantindo sua propagação para a posterioridade. (BÃ HAMPATÉ)

Entre as Rezadeiras o domínio da palavra e a importância que esta desempenha ao extirpar as mazelas do corpo e do espírito é algo significativo. As Rezadeiras quando interrogadas acerca de como e quando começaram a rezar, foram incisivas ao destacar como as experiências cotidianas, sobretudo o contato com Rezadeiras e Rezadores mais velhos possibilitou o aprendizado da benzeção.

Em termos metodológicos, as fontes orais também constituem a principal maneira de reflexão em torno das práticas culturais das Rezadeiras, pois se trata de mulheres integrantes das camadas afro-brasileiras empobrecidas, em grande escala, não alfabetizadas. É justamente na memória dessas mulheres que se encontram experiência acumulada de suas vidas.

Desse modo, lançar os olhares investigativos para as práticas curativas das camadas populares exige do historiador/a uma postura diferenciada. É necessário pensar em outras possibilidades metodológicas, haja vista que se trata de sujeitos históricos, cuja organização cotidiana abarca hábitos e costumes próprios.

Segundo Thompson (1998) existem contextos e situações em que homens e mulheres ao se depararem com as necessidades de sua existência formulam seus próprios valores e (re) criam sua cultura, portanto tentar entendê-las a partir das fontes “convencionais” dificilmente o historiador/a conseguirá dá conta das especificidades de tais práticas culturais e sociais dos indivíduos.

O revisionismo historiográfico atrelado ao nascimento da história social possibilitou a aproximação da História com outras áreas do conhecimento, em especial a Antropologia. O diálogo entre História e Antropologia deverá ser recorrente, pois esta possibilita a História redefinir seus problemas investigativos, através de novas perguntas e fontes, inovando as interpretações.

A autonomia concedida às fontes orais possibilita entendê-las não mais enquanto complementos aos documentos, mas como fontes e objetos de análise substanciais. (JOUTARD, 2001) O diálogo entre História e Antropologia inaugura a reformulação na concepção de fontes adquirindo significado mais amplo e abrangendo outros vestígios que contemplam a existência humana.

Assim, todos os indícios, sinais e sintomas dos grupos subalternos seriam habilitados como resultado de um processo maior, com relevância global, não permanecendo marginalizados e entendidos como atitudes sem significado para a edificação da história. O particular de pessoas comuns – que há muitos séculos permaneceu negligenciado – transformou-se em ponto de partida para os novos estudos. (GINZBURG, 1987)

As novas perspectivas historiográficas sinalizam para a necessidade de investigação dos acontecimentos nos âmbitos locais e a possíveis repercussões na escala regional. (LEVI, 1992)

Ainda no que concerne o aprendizado do ofício da benzeção mediante observações aprendidas desde a infância, a Rezadeira Francisca nos informou:

Eu tava com 20 anos quando aprendi a rezar. Quando ia num lugar, às vezes o povo ia e rezava... E eu colocava aquilo na cabeça, outro rezava, eu botava aquilo na cabeça. Seu eu soubesse ler tinha um papel na mão... A pessoa rezando e eu ouvindo, aquilo entrou na minha cabeça.¹¹

O depoimento supracitado ilustra a discussão referente à importância da fala nas transmissões de saberes. Do mesmo modo a Rezadeira Maria Custódia relatou sua

¹¹ Entrevista em 26/04/2007.

experiência quanto ao aprendizado do ofício ressaltando a importância que as “mulheres da roça” tiveram. Ela fez questão de frisar que o aprendizado da benzeção foi uma aquisição feita ainda quando morava na zona rural do município de Governador Mangabeira.

O aprendizado da benzeção mediante a memorização das palavras mágicas também pode ser entendida como uma das diversas estratégias da população empobrecida para resguardar bens simbólicos concernentes a uma longa tradição. Mesmo não podendo contar com a escrita como forma de registrar tais práticas de cura, essas mulheres memorizavam rezas, receituários, funcionalidade das ervas garantindo as gerações posteriores o acesso a essas práticas culturais.

A outra categoria de iniciação das Rezadeiras, mencionada em parágrafos anteriores, trata-se da experiência com o sobrenatural, ou seja, nessa modalidade de aprendizado a Rezadeira credita o aprendizado do ofício intercedido por forças divinas conduzidas por anjos e/ou guias. Na aprendizagem mística, os conhecimentos de orações, chás, medicamentos em geral são atribuídos à inspiração de entidades sobrenaturais.

Este foi o caso da Rezadeira Aumerinda Conceição que apesar de ser filha de uma Rezadeira, credita a familiaridade com a benzeção ao dom divino, para além de ter podido contar como aliada às observações feitas:

Não aprendi a rezar com ninguém. Aprendi mesmo com o meu destino, desde 7 anos de idade. Eu descobri meu dom com pessoas doentes, feridas e as pessoas na casa que eu fui criada. Tinha duas pessoas de ferida, tudo trabalhando junto de uma fonte, aí eu dei pra pegar folha e fazer, ralava as folhas e vinha curar, aí as pessoas sararam a ferida.

Pronto! Continuo sempre assim, as pessoas vinham e me pediam: Me benza que você vai me sarar! Aí eu vinha fazendo aquilo e dando certo e então eu tô agora com sessenta. Vou fazer 60 anos, só termino quando Deus mandar me chamar.¹²

As Rezadeiras iniciadas na benzeção mediante experiências com o mundo sobrenatural, como no caso da senhora Aumerinda, ainda hoje, para além da benzedura tradicional, geralmente possuem um espaço dentro de suas próprias residências destinadas a fazer consultas com espíritos protetores e guias. A senhora Aumerinda além de Rezadeira diz ser curandeira e através da mediunidade atende pessoas em sua residência fazendo recomendações espirituais.

¹² Entrevista em 11/07/2007.

Apesar dessa modalidade de aprendizado acontecer relacionado a fatores sobrenaturais, a observação também desempenha função importante, pois o próprio conhecimento das ervas e suas funcionalidades são provenientes das experimentações e observações feitas pelas Rezadeiras.

PRÁTICAS CURATIVAS

As práticas curativas, ainda no século XX, se desenvolveram com grande expressividade entre os habitantes do Recôncavo. Curandeiros e Rezadeiras atendiam às pessoas com males do corpo e do espírito acarretando opiniões diferenciadas acerca de suas práticas culturais. (SOUZA, 1995)

Nesse contexto, os órgãos públicos estatais buscavam formas de inserir novas práticas e saberes médicos entre a população com o intuito de frear a propagação desses “rituais de cura”. É sabido que os procedimentos de higienização, por exemplo, já haviam “contemplados” a região sudeste do país, desde o final do século XIX se estendendo até o século XX, contudo, passaram a “sacudir” o Recôncavo baiano a partir dos anos 40 com o decreto-lei nº 11.682, que deliberava as intenções do governo em regionalizar seus serviços de saúde, bem como instituir obrigatoriedade para alguns procedimentos na prevenção de doenças, como a vacinação. (SANTOS, 2005)

Não por acaso o decreto-lei foi colocado em vigor nos anos de 1940, ano este correspondente à promulgação do Código Penal brasileiro, que especificou com mais detalhes o que viria a ser o crime contra a saúde pública em seus artigos 282, 283 e 284 que versam sobre “*exercício ilegal de medicina, arte dentária ou farmacêutica*”, sendo os praticantes criminalizados e sujeitos a sanções.¹³

Nesse ínterim, destaca-se a atuação das Rezadeiras, detentoras de grande prestígio e respeito entre os membros da comunidade, possuíam grande aceitação nas suas localidades de origem. Ao que parece, a familiaridade com a comunidade permitiu o trânsito intenso dessas mulheres nos diferentes espaços sociais. Em se tratando de benzeção, acredita-se que as aproximações com os elementos da natureza tenha favorecido a familiaridade dessas mulheres com o universo das rezas. Mais uma vez, a senhora Celina de Jesus fez importante observação sobre o assunto:

¹³ Código Penal brasileiro de 1940.

No meu tempo, quando eu era criança meu pai, minha tia, minha vó tudo era Rezadeira. Fazia remédio de tudo que era coisa e curava. Papai curava pé, perna quebrada, espinhela, peito aberto, tudo ele fazia... Garrafada pra esse povo de tosse cansada, puxamento. Papai era um perigoso (sorrir calorosamente), agora hoje me diz o que que há?¹⁴

A fala da senhora Celina é rica em detalhes e singularidades ela deixa transparecer um tempo marcado pelas diversas experiências e intervenções curativas de seus familiares diante das doenças, ressaltando a atuação de seu pai que segundo ela, além de dominar as palavras santas da benzeção, ainda se destacava pelo perfil de curador, possuindo grande familiaridade com a manipulação de ervas e raízes eficazes no alcance da cura de certas doenças no contexto histórico-social vivenciado. O lembrar da senhora Celina possui um tom saudosista denotando certa diminuição das solicitações dos “saberes tradicionais” para curar enfermidades na atualidade.

Nesse ínterim, a senhora Neci, nascida no ano de 1958, membro da Irmandade Boa Morte, residente no município de Governador Mangabeira, também concedeu importante depoimento para pensarmos em torno dos significados que as práticas curativas possuem para alguns habitantes do Recôncavo, sobretudo de maneira particular a mesma assinalou:

Inclusive eu alcancei uma criatura que quebrou a perna e antes não tinha ortopedista, como hoje, né! A medicina avançou muito (...). Então! Como era curado antes? Usava mentruz que é o mastruz que antigamente falava, pisava com sal grosso, colocava em cima da perna e botava uma talisca de pau de um lado e imobilizava e ali o osso chegava pro lugar. Porque mastruz é uma folha, um antibiótico muito forte, sendo assim desinflamava o osso e fazia com que o osso chegasse pro lugar. A pessoa era rezada de nervo torcido e a cura vinha e a pessoa voltava a andar! E hoje as pessoas fazem logo o que? Vai logo ao médico por quê? Faz o que também? Bota aquele gesso e imobiliza o lugar do mesmo jeito e toma o que? Remédio... Esse remédio tem a mesma função da pustemeira batida do mastruz batido com leite que limpa tudo e cura também.¹⁵

A narrativa da sr^a Neci é bastante interessante, pois ela compara dois métodos de cura, feito por especialistas diferenciados, para chegar ao mesmo objetivo. Ela narrou o fato de uma conhecida sua ter quebrado a perna e recorrido aos atendimentos de um curandeiro, sobretudo, incentivada pela falta de um médico especialista no momento da fratura. Contou ainda, que a forma encontrada para que ocorresse a recuperação da

¹⁴ Entrevista em 06/12/2006.

¹⁵ Entrevista em 11/10/2007.

enferma foi através do “saber tradicional” exercido pelo curandeiro. Este, utilizou elementos vindos da natureza, atrelado ao poder das palavras para conduzir a mulher à cura.

O fato de imobilizar os ossos quebrados, seguidos da utilização de um antiinflamatório, finalizando com a reza específica para osso quebrado, foi de fundamental importância na conquista da cura. Nota-se que a sabedoria empregada, também, se serviu de conhecimentos empíricos, a exemplo da utilização de ervas na resolução de determinados problemas.

Depois de relatar o procedimento feito pelo curandeiro, a sr^a Neci comparou a situação aos procedimentos médicos feitos na atualidade, chegando à conclusão que os processos se assemelhavam, a única variação existente se tratou do aperfeiçoamento dos métodos: o gesso ao invés da talisca, a cirurgia ao invés da benzeção e o antiinflamatório ao invés dos chás e emplastos. Por fim, médico e curandeiro alcançaram o mesmo objetivo: a cura.

No tocante a realidade vivida pela senhora Neci, acerca da falta de especialistas médicos no município, outras fontes orais da pesquisa também apontaram essa dificuldade de acesso aos profissionais da medicina. Foram queixosas ao relatar a ausência de ao menos um posto Médico. Os enfermos, ali encontrados, para além da utilização dos saberes curativos, se “desejassem” consultar um médico deveria se deslocar para as cidades circunvizinhas: Cruz das Almas, Muritiba, Cachoeira e Santo Amaro.

A senhora Maria Custodia¹⁶, nascida na localidade das Queimadas, zona rural do município de Governador Mangabeira assinalou a situação vivenciada em torno da calamidade da saúde pública no município em análise.

Desde de Cabeças¹⁷ aqui não tinha médico não, a gente tinha que sair daqui se quisesse ver um doutor. Praticamente por esses dias que a gente tem. Vai vê que era por isso que as pessoas procuravam a gente mais pra Rezar. Antes tinha gente que se dava com a Reza, melhorava. Hoje não, não tem paciência, compra remédio. Eu mesmo, nunca ganhei neném em

¹⁶ Op.cit. Nota 07.

¹⁷ A origem do nome Cabeças está atrelada a concepções do imaginário popular referente a assassinatos que teriam acontecido em séculos anteriores, seguido da exposição das cabeças decapitadas. Cabeças correspondia a uma antiga Vila pertencente à cidade de Muritiba. No ano de 1962 emancipou-se se tornando Governador Mangabeira. Sobre a historicidade do acontecimento, consultar a monografia defendida pelo pesquisador Luís Carlos Borges da Silva, intitulada “A Vila e o Coronel”. SILVA, Luis Carlos Borges da. *A Vila e o Coronel – Poder local na vila de Cabeças*. (1930-1962). Monografia de Especialização. UNEB, 2004.

Maternidade, tive tudo em casa com parteira, tive quatro filhos todos vivo graças a Deus. Dois homens e duas moças¹⁸.

Ao que parece, na concepção da Rezadeira, a precariedade da saúde pública ou até mesmo a ausência de médicos no município contribuiu para o resguardar dos métodos alternativos de cura, pois seria a principal maneira de dar conta das enfermidades mais freqüentes na sociedade. A Rezadeira deixou claro que talvez as solicitações pelas rezas fossem mais intensas, justamente devido à quantidade mínima de postos médicos e a difícil acessibilidade à medicina oficial.

Contudo, para além da dificuldade de acesso a medicina oficial convêm ressaltar que existiam/em concepções culturais presentes entre as camadas populares favoráveis ao desenvolvimento e aceitação de métodos terapêuticos “tradicionais” para curar certas enfermidades. Trata-se de um legado cultural deixado pelos africanos/as que habitaram esse país, deixando seus descendentes e concepções culturais presentes em seu cotidiano, ademais o apego e a crença na eficácia de ervas, também muito presente entre as populações indígenas, foi de fundamental importância para a formação desses processos curativos alternativos.

Em relação ao depoimento exposto, notamos que a opção do indivíduo em recorrer ao curandeiro, a Rezadeira, o raizeiro ou a parteira para solucionar seus problemas de saúde, em contraposição à procura do médico, sugere um emaranhado de significações que perpassa pela formação e concepção cultural de cada um. A pesquisadora Paula Montero examinou tal fenômeno e assinalou:

A medicina somente leva em conta os sinais físicos e os interpreta como sintomas de alguma difusão orgânica. A interpretação mágico-religiosa, muito mais abrangente do que a médica, integra não só os sintomas fisiológicos, mas também os problemas domésticos, amorosos e financeiros do doente. Para a magia, a doença não é senão simples aparência. A doença é uma maneira que as forças espirituais têm de aparecer, de se revelar no mundo dos homens. Ela faz parte de um conjunto maior de problemas que têm a ver com a desorganização pessoal, familiar e social do sujeito: desemprego, conflitos familiares, crises, etc. (MONTERO, 1990, P. 64)

Desse modo, acredita-se que é possível também surgir à identificação das camadas populares com as Rezadeiras, curandeiros e raizeiros, para além das implicações culturais, devido à simplicidade de acesso – por exemplo - ou até mesmo por compartilharem de um mesmo espaço social. Nesse sentido, é importante pensar

¹⁸ Entrevista em 29/04/07.

que os preceitos do mundo médico oficial requeriam todo um distanciamento entre pacientes e médicos, prática esta completamente diferente do que a população estava acostumada. Tal procedimento pode ser entendido como grande sinalizador para a recusa dos tratamentos oficiais entre a população.

A falta de preparo dos médicos no estabelecimento de relação com a população empobrecida e culturalmente diferente, bem como o distanciamento das linguagens pode ser mencionado como fortes indicadores da recusa da população aos tratamentos da medicina acadêmica. (CARVALHO, 1995)

De fato é possível pensar em diversas justificativas para explicar à maior aceitação da população as práticas de cura, pois o conhecimento terapêutico apresentava resultados concretos na realidade vivida, além de que a população hesitava em tentar solucionar seu problema com o auxílio de um “estranho” - o médico - que propunha alternativas curativas completamente diferentes das que costumavam utilizar.

Geralmente, no caso específico das Rezadeiras, elas desenvolviam uma medicina, tida, como preventiva na qual buscava expulsar a enfermidade do corpo antes mesmo que esta se instalasse. As Rezadeiras acreditavam ser possível se precaver de determinadas doenças através da utilização de “resguardos”. A benzeção feita esporadicamente, bem como a abstinência em consumir determinadas misturas que envolvessem alguns alimentos, podem ser apontadas como indícios de prevenção dessas sábias mulheres.

Na tentativa de evitar o mau olhado¹⁹, por exemplo, algumas Rezadeiras utilizavam folhas de arruda atrás da orelha ou dependurava uma pequena figa no pulso. Em suas casas, à vela ofertada ao santo protetor deveria estar sempre acesa, assim elas acreditavam está adquirindo imunidade em relação a determinadas doenças e/ou mal agoros.

Enfim, a sabedoria proveniente das diversas formas de experiências vivenciadas pelas Rezadeiras, acarretou o acúmulo de práticas necessárias para que essas mulheres pudessem intervir em várias situações que acometeram a população. Nesse sentido, puderam elaborar estratégias necessárias ao menos para tranquilizar os enfermos e assegurar sua existência para as gerações futuras.

¹⁹ O mau olhado é entendido como o arremesso de energias negativas aos indivíduos; geralmente é o sentimento movido pelos ciúmes e a inveja. Os sintomas são: malevolência, bocejos constantes e cansaço corporal.

FONTES:

Aumerinda Conceição Rodrigues. Apelido D. Merú. 63 anos de idade. Lavradora e charuteira em exercício da profissão. Rezadeira, nascida no Município de Governador Mangabeira, atualmente reside nesse mesmo município. Data de nascimento: 20/07/1946. Entrevista em 11/07/2007.

Celina de Jesus Neris. Apelido D. Celinha. 86 anos de idade. Charuteira aposentada. Rezadeira, nascida na cidade de Bonfim de Feira de Santana. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 15/05/1923. Entrevista em 06/12/2006 e 10/07/2007.

Francisca Santos Oliveira. Apelido D. Neném. 75 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira, nascida em Laranjeiras, zona rural do Município de Governador Mangabeira. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 08/02/1934. Entrevista em 26/04/2007 e 14/07/2007.

Maria Custódia Cerqueira da Silva. Apelido D. Teka. 75 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira, nascida em Queimadas, zona rural do Município de Governador Mangabeira. Atualmente reside na cidade de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 24/07/1934. Entrevista em 29/04/2007.

Maria Margarida Marques. Apelido D. Maria. 98 anos de idade. Lavradora aposentada. Rezadeira, nascida em Lage, Recôncavo Sul da Bahia. Atualmente reside no Município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 15/09/1910. Entrevista em 26/12/2006 e 11/03/2007.

Neci Santos Leite. Apelido Prof^a Neneu. 50 anos de idade. Professora em exercício da profissão. Nascida no Município de Cachoeira. Atualmente reside no município de Governador Mangabeira. Data de nascimento: 11/10/1958. Entrevista em 27/07/07.

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampaté. *A Tradição viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (coord). História Geral da África. Vol. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática, 1982.

CARVALHO, Antônio Carlos Duarte de. *Curandeiros e medicina: práticas populares e políticas estatais de saúde em São Paulo nas décadas de 30,40 e 50*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Universidade Estadual Paulista, 1995.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1988.

_____. “*Cultura popular*”: *Revisitando um conceito historiográfico*. Estudos históricos, vol.8, nº 16, Rio de Janeiro, 1995.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7º ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

JOUTARD, Philippe. *História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*. In: FERREIRA, Marieta Moraes e AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

LEVI, Giovanni. *Sobre micro-história*. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

MONTERO, Paula. *Da doença à desordem. A magia na umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____, Paula. *Magia e pensamento mágico*. 2º ed. São Paulo: Ática, 1990.p. 64

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “*Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*”. Revista Brasileira de História, vol.15, nº. 29. São Paulo: ANPUH; Contexto, 1995.

SANTOS, Denílson Lessa dos. *Nas encruzilhadas da cura: crenças, saberes e diferentes práticas curativas*. Santo Antônio de Jesus, Recôncavo Sul - Bahia (1940-1980). Dissertação de Mestrado. Bahia. UFBA, 2005.

SOIHET, Rachel. *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*. In: DEL PRIORI, Mary (org) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, Edinéia Maria Oliveira. *Memórias e tradições: viveres de trabalhadores rurais do município de Dom Macedo Costa Bahia (1930-1960)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, 1995.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Vol I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____, E.P. “*Algumas observações sobre classe e falsa consciência*”. In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. (Org) Antonio Luigi Negro e Marcos Silva. Campinas: UNICAMP, 2001.

_____, E. P. *Costumes em comum*. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

X ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL
TESTEMUNHOS: HISTÓRIA E POLÍTICA

▸ Recife, 26 a 30 de abril de 2010.
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

ISBN 978-85-7315-769-7